

ESCOLA HOSPITALAR E DOMICILIAR: ESPAÇO DE APRENDIZAGENS

Cristiane Silva de Jesus¹

A Escola Hospitalar e Domiciliar na cidade de Salvador constitui-se como espaço fundamental para garantir a aplicação da Constituição Federal Brasileira (1988, artigo 205), no que se refere ao direito de acesso e permanência, ao direito de estudar de todos os cidadãos, incluindo aqueles que se encontram hospitalizados e em tratamento de doenças crônicas.

Em âmbito nacional pode-se afirmar que essa modalidade de atendimento educacional caracteriza-se enquanto espaço de convergência das Ciências da Saúde e da Educação, atendendo a um público amplo (crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos) em condição de hospitalização temporária e/ou permanente. Os portadores de necessidades educacionais especiais (PNEE), bem como os pacientes matriculados em classes regulares que, mediante internações sequenciadas, encontram-se sob o risco iminente da evasão e do fracasso escolar, também são alcançados por políticas públicas intersetoriais como essa. Portanto,

“...o papel da educação junto à criança hospitalizada é resgatar sua subjetividade, ressignificando o espaço hospitalar através da linguagem, do afeto e das interações sociais que o professor pode propiciar. Portanto, é possível pensar o hospital como um espaço de educação para as crianças internadas. Mais do que isso, é possível pensá-lo como um lugar de encontros e transformações, tornando-o um ambiente propício ao desenvolvimento integral da criança. Enxergar e acreditar na criança enferma, assim como em qualquer criança, é um primeiro passo para compreendê-la, respeitá-la e auxiliá-la em seu processo de desenvolvimento, porque “a criança não sabe senão viver sua infância. Conhecê-la pertence ao adulto” (Wallon, 1941, p. 11).” (apud FONTES, 2005, p. 136)

A pessoa que atravessa uma vivência extensa de internamentos em instituições de saúde corre um sério risco de adentrar num processo chamado de despersonalização. Por um período relativo de tempo, variável de acordo com as especificidades das patologias, o/a paciente experimenta sentimentos diversos como

¹ Licenciada em Pedagogia e bacharel em Psicologia. Especialista em Gestão Educacional, Administração Pública e Educação Especial e Inclusiva. Mestranda em Educação e Contemporaneidade - PPGEduc - UNEB. Atua como professora na Escola Hospitalar e Domiciliar Irmã Dulce (EMHDID), SMED – Secretaria Municipal de Educação da cidade de Salvador.
Email: cris.crikika@gmail.com.

de aprisionamento, solidão, dor, saudade, tristeza, isolamento psicossocial, chegando muitas vezes a se perguntar: *“Quem sou eu a partir daqui?”*

O contato com o ambiente educacional em situações adversas é estruturante para esses pacientes. Revela suas potencialidades e suas possibilidades cognitivas, sócio-afetivas, trazendo algo familiar para o ambiente, desfocando os pacientes em atendimento escolar da doença e de todos os aspectos do seu entorno. Segundo Ceccim (1999):

“Dispor do atendimento de classe hospitalar, mesmo que por um tempo mínimo e que talvez pareça não significar muito para uma criança que frequente a escola regular, tem caráter de atendimento educacional e de saúde para a criança hospitalizada, uma vez que esta pode atualizar suas necessidades, desvincular-se, mesmo que momentaneamente, das restrições que um tratamento hospitalar impõe e adquirir conceitos importantes tanto à sua vida escolar quanto pessoal, acolhendo um outro tipo de referendamento social à subjetividade e podendo sentir que continua aprendendo e indo à escola, portanto, renovando seu ser criança e renovando potências afirmativas de invenção da vida.” (p. 44)

Uma Escola Hospitalar dirige-se a respeitar essencialmente o nível de desenvolvimento do(a) paciente. Para isso, garante a sua base de sustentação teórico-metodológica a partir de diversas abordagens pedagógicas com o objetivo de estimular a aprendizagem em amplo sentido (envolvendo todas os campos do saber) e de acompanhar o conteúdo escolar dos(as) pacientes matriculados em escola regular do sistema de ensino, dando continuidade ou resgatando o desejo pela construção de conhecimentos, quando os(as) mesmos(as) não estão matriculados.

Na abordagem às doenças crônicas, a Escola Hospitalar pode ser efetivada de modo mais próximo da escola regular pois, como os(as) alunos(as) são permanentes em sua maioria, é possível o desenvolvimento de propostas pedagógicas de médio e longo prazo, a saber:

- Alfabetização (da Educação Infantil à Educação de Jovens e Adultos);
- Estratégias específicas para a superação de dificuldades de aprendizagem;
- Estabelecimento de vínculos estáveis com os profissionais de educação;
- Desenvolvimento de projetos pedagógicos, de sequências didáticas, mais próximas da escola regular.

A Escola Hospitalar na cidade de Salvador está organizada como um grupo heterogêneo, com uma estrutura de funcionamento dinâmica e pulverizada, funcionando em contextos hospitalares diferenciados. A sistemática de trabalho

caracteriza-se pela flexibilidade, que é determinada pelos condicionantes envolvidos nas especificidades das patologias de cada paciente atendido, pela dinamicidade, pela criatividade, pela afetividade. Uma Escola Hospitalar não tem a intenção de ser igual – em relação à rotina, recursos, horários – à escola regular / de origem do(a) aluno(a), mas objetiva cumprir o ideal da função educativa na medida do possível.

Na capital baiana, a Escola Hospitalar e Domiciliar foi oficialmente criada no Diário Oficial do Município do dia 29/07/2015, portaria nº 286/2015, de acordo com o que estabelece o inciso XI, do artigo 13, do Regimento da SMED (Secretaria Municipal de Educação), aprovado pelo Decreto nº 23.922 de 14 de maio de 2013, sendo inaugurada no dia 01/10/2015.

A Escola Municipal Hospitalar e Domiciliar Irmã Dulce, assim nomeada para homenagear a precursora das Obras Sociais Irmã Dulce – OSID², funciona atualmente em 11 unidades hospitalares, 4 casas de apoio, 03 clínicas e 22 domicílios/residências. Está organizada administrativamente sob nº 0561, de acordo com os padrões da Secretaria Municipal de Educação - SMED, configurada pelas diretrizes que compõem o Programa Nossa Rede. Composta por diretora, vice-diretora, coordenadoras pedagógicas, professores(as) pedagogos(as) e especialistas (Música e Teatro), secretária, assistente administrativo e auxiliar de serviços gerais. Está organizada como um grupo heterogêneo, com uma estrutura de funcionamento dinâmica e pulverizada, funcionando em contextos hospitalares e domiciliares diferenciados.

A sistemática de trabalho caracteriza-se pela flexibilidade, que é determinada pelos condicionantes envolvidos nas especificidades das patologias de cada aluno/a atendido/a, pela dinamicidade, criatividade, afetividade, ludicidade, pela inserção dos dispositivos móveis e todas as possibilidades em torno do aparato tecnológico, como a mediação dos jogos nos atendimentos, levando em consideração que a

[...] interação com esses suportes tecnológicos tem uma ação terapêutica, na medida em que o jogador pode extravasar as suas energias e emoções reprimidas, desviando, assim, esses sentimentos dos seus semelhantes. Dessa forma, o sujeito libera o stress através da participação vicária (ALVES, 2004, p. 369).

Na conjuntura social contemporânea e no panorama educacional, em especial, “os meios tecnológicos de comunicação e informação assumem, assim, o papel de

² Instituição na qual os primeiros atendimentos pedagógicos em ambiente hospitalar aconteceram na cidade do Salvador.

rearticuladores e reorganizadores de toda a sociedade” (ALVES, 2004, p. 371), possibilitando uma contínua reconstrução do saber.

No que se refere ao profissional da educação atuante nesses contextos, a pesquisadora Eneida Fonseca (2003) ressalta que:

O ambiente hospitalar é para o professor uma fonte de aprendizagem constante por meio da escuta às informações de vida da criança com o seu conteúdo de representação da doença, do tratamento, da hospitalização e da equipe de saúde. Isto leva o professor a aperfeiçoar a assistência, de maneira a tornar a experiência da hospitalização um aspecto positivo para o crescimento e desenvolvimento da criança (p.31)

Quando um(a) professor(a) adentra num ambiente de cuidados com a saúde, o primeiro passo é observar. Através dessa atitude investigativa, da observação, apresentar a Escola Hospitalar aos pacientes e fazer o “convite” para a participação nesses momentos de aprendizagem. O olhar atento, a escuta sensível nesse momento inicial são decisivos para a aceitação desse(a) paciente, no sentido de experienciar, de fazer parte enquanto educando da Escola Hospitalar. Para a pesquisadora Eneida Fonseca:

“O ambiente hospitalar é para o professor uma fonte de aprendizagem constante por meio da escuta às informações de vida da criança com o seu conteúdo de representação da doença, do tratamento, da hospitalização e da equipe de saúde. Isto leva o professor a aperfeiçoar a assistência, de maneira a tornar a experiência da hospitalização um aspecto positivo para o crescimento e desenvolvimento da criança” (2003, p.31)

Elocubrando ainda sobre a atuação do professor, as intervenções pedagógicas mediadas pelas tecnologias digitais móveis constituem-se numa realidade em construção na Escola Municipal Hospitalar e Domiciliar Irmã Dulce. Isso porque a interatividade depende muito mais de uma mudança de postura do professor e do/a aluno/a do que da inserção das novas tecnologias sendo

[...] importante que o professor, além dos conhecimentos teóricos e tecnológicos, esteja aberto para o mais comunicacional, para deixar o aluno expor suas ideias e trilhar seus próprios caminhos. O professor [...] o desafiará a entrar no labirinto, mergulhar no mar de informações, interligar os saberes e buscar as soluções para os seus problemas, construindo conhecimentos (FERREIRA, 2004, p.260).

Na Escola Municipal Hospitalar e Domiciliar Irmã Dulce, a metodologia que embasa o trabalho parte dos pressupostos sociointeracionistas, da pedagogia de projetos, das Diretrizes Curriculares da Educação Municipal e documentos correlatos, pilares de sustentação da prática educativa no município de Salvador – BA.

Nesse movimento incessante de construção e reconstrução de conhecimentos, estes

...emergem como inscrições históricas e são transitórios, contextuais, subjetivos, complexos. O conhecer [...] implica num atribuir sentido e significado ao real de modo irregular, variável, com diversas possibilidades de organização da própria representação do real (diversas ordens), que é instável na medida em que se constitui contextualmente. [...] Conhecer é, ainda, cruzar/articular/jogar com essas possibilidades, não a partir de uma exigência teórica, mas das demandas existenciais e contextuais. [...] Então, conhecer é uma ação aberta, flexível, histórica, que acontece, até certo ponto, de modo rigoroso, previsível, consciente, estável, pois, ao mesmo tempo e a partir de certo ponto da situação, torna-se altamente criativo, original, fruto da imprevisibilidade e do caráter inusitado, irregular, caótico da situação/contexto. (LIMA JUNIOR, 2004, p. 414)

O processo avaliativo é compreendido enquanto elemento permanente do processo de aprendizagem, sendo dialógica e processual, levando em consideração as particularidades do percurso individual dos(as) atendidos(as).

Pela trilha esboçada, *aprender* e *ensinar* se caracterizam como sinônimos de mudar, de emancipar, de libertar, de transformar - a si mesmo, ao outro, ao mundo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lynn. Jogos eletrônicos e violência: um caleidoscópio de imagens. In: **Revista da FAEBA** – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 13, n. 22, p. 365-373, jul./dez., 2004.

CECCIM, Ricardo B. **Classe hospitalar**: encontros da educação e da saúde no ambiente hospitalar. Pátio, Ano III, nº 10, ago/out 1999.

FERREIRA, Simone de Lucena; BIANCHETT, Lucídio. As tecnologias da informação e da comunicação e as possibilidades de interatividade para a educação. In: **Revista da FAEBA** – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 13, n. 22, p. 253-263, jul./dez., 2004.

FONSECA, Eneida Simões da. **Atendimento escolar no ambiente escolar**. São Paulo Memnon, 2003.

FONTES, Rejane de S. **A escuta pedagógica à criança hospitalizada**: discutindo o papel da educação no hospital. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2005, n. 29, pp. 119-138. ISSN 1413-2478. doi: 10.1590/S1413-24782005000200010.

LIMA JUNIOR, Arnaud S. de. Tecnologias Intelectuais e Educação: explicitando o princípio proposicional/ hipertextual como metáfora para educação e o currículo. In: **Revista da FAEBA** – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 13, n. 22, p. 401-416, jul./dez., 2004.